

ANÁLISE ARGUMENTATIVA EM ACONSELHAMENTOS DE PASTORES EVANGÉLICOS

ARGUMENTATIVE ANALYSIS IN COUNSELING OF EVANGELICAL PASTORS

Max Silva da Rocha¹

Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Ana Júlia Ferro Oliveira²

Licenciada em Letras/Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

João Benvindo de Moura³

Docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo realizar uma análise argumentativa acerca de três aconselhamentos religiosos de líderes evangélicos brasileiros proferidos entre agosto e outubro de 2022. O discurso religioso é muito praticado na sociedade brasileira e, de modo avassalador, interfere potencialmente na vida de sujeitos que formam a nossa sociedade. Durante as últimas eleições presidenciais de outubro de 2022, muitos chefes religiosos levaram políticos às suas igrejas e pediram que os fiéis votassem nesses candidatos. Por meio de aconselhamentos, podemos verificar como foram utilizadas diferentes estratégias argumentativas que, certamente, foram decisivas para a conquista da adesão dos fiéis/eleitores. Assim sendo, com base no instrumental da teoria da argumentação no discurso, proposta por Ruth Amossy, selecionamos aconselhamentos dos seguintes líderes evangélicos brasileiros: Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares e Silas Malafaia. Esse material foi adquirido na plataforma virtual do *YouTube* e, após isso, transcrevemos e analisamos as informações de acordo com a teoria adotada neste trabalho. Os resultados alcançados indicam que esses chefes religiosos utilizaram seus *ethé* de profeta de Deus, amigo, conservador, patriota; uma tipologia argumentativa (*logos*) com base na força do discurso teológico, enquanto argumento de autoridade; e tentaram despertar diferentes paixões (*pathos*) no auditório visado, a exemplo da confiança, do ódio, entre outras. Portanto, essas estratégias persuasivas certamente formularam as tentativas de conquistar a atenção e a ação do auditório, ancorando todo projeto de influência com base em um discurso de natureza polêmica.

Palavras-chave: Argumentação. Eleições presidenciais. Pastores evangélicos.

ABSTRACT

The main objective of this work is to carry out an argumentative analysis about three religious advice given by Brazilian evangelical leaders between August and October 2022. Religious discourse is widely practiced in Brazilian society and, in an overwhelming way, it potentially interferes in the lives of

¹ Endereço eletrônico: msrletras@gmail.com

² Endereço eletrônico: anajuliaferro@hotmail.com

³ Endereço eletrônico: jbenvido@ufpi.edu.br

subjects that make up our society. During the last presidential elections in October 2022, many religious leaders took politicians to their churches and asked the faithful to vote for these candidates. Through advice, we can verify how different argumentative strategies were used, which were certainly decisive in winning the adherence of the faithful/voters. Therefore, based on the instrumental theory of argumentation in discourse, proposed by Ruth Amossy, we selected advice from the following Brazilian evangelical leaders: Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares and Silas Malafaia. This material was acquired on the YouTube virtual platform and, after that, we transcribed and analyzed the information according to the theory adopted in this work. The results achieved indicate that these religious leaders used their ethé as a prophet of God, friend, conservative, patriot; an argumentative typology (logos) based on the strength of the theological discourse, as an argument from authority; and tried to awaken different passions (pathos) in the target audience, such as trust, hatred, among others. Therefore, these persuasive strategies certainly formulated attempts to gain the attention and action of the audience, anchoring every project of influence based on a polemical speech.

Keywords: Argumentation. Presidential elections. Evangelical pastors.

Considerações iniciais

O trabalho que se apresenta nesta ocasião focaliza o discurso religioso de vertente evangélica, cuja formulação teve grande influência durante o período da campanha eleitoral para o cargo de presidente da República Federativa do Brasil. Conforme observa Rocha (2022), o discurso religioso cristão caracteriza-se por ser um tipo de discurso que revela um poder de assimetria entre orador e auditório. Assim sendo, o orador se configura como um porta-voz de um discurso de autoridade, utilizando-se do modo verbal imperativo. Nesse tipo de discurso, o principal objetivo é mesmo convencer, persuadir, aumentar e intensificar a adesão.

Em se tratando do momento da referida campanha eleitoral para o cargo de presidente do Brasil, não foram poucos os conflitos despertados por meio de diferentes posicionamentos, uns mais para a esquerda e outros mais para a direita, engendrando, desse modo, uma intensa polarização social vivida aqui no Brasil. Muitos líderes evangélicos não ficaram de fora da arena política e tentaram, em suas igrejas e por meio de suas redes sociais, influenciar a opinião pública, para que o povo pudesse eleger e reconduzir o candidato da extrema direita, Jair Messias Bolsonaro, ao cargo de presidente da República Federativa do Brasil.

A partir dessas questões, surgiu o seguinte questionamento: De que maneira renomados pastores evangélicos brasileiros utilizaram diferentes estratégias argumentativas, a fim de convencer, persuadir, orientar ou modificar as crenças e as opiniões do auditório visado acerca do candidato que deveria votar nas eleições de outubro de 2022? Para responder a essa pergunta, analisamos três aconselhamentos dos seguintes pastores evangélicos: Silas Malafaia, fundador, líder e atual administrador da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC); Romildo

Ribeiro Soares, fundador, líder e atual administrador da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD); Edir Macedo, fundador, líder e atual administrador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Os três aconselhamentos desses chefes religiosos estão fundamentados em um discurso de natureza polêmica, por isso selecionamos a modalidade argumentativa polêmica (Amossy, 2017) como uma ferramenta que é capaz de mostrar o funcionamento desse tipo de discurso que, de algum modo, tem impactado a nossa sociedade brasileira.

O nosso trabalho tem como principal objetivo realizar uma análise argumentativa em três aconselhamentos religiosos dos citados pastores evangélicos brasileiros. Outros trabalhos dessa natureza já foram realizados, a exemplo do estudo de Rocha, Roberta e Moura (2023), que abordou as estratégias persuasivas encenadas pelo pastor Silas Malafaia em dois pronunciamentos, por meio dos quais esse orador ataca de forma vociferada o Supremo Tribunal Federal (STF), os ministros e as ministras dessa Corte. Essa investigação revelou que o pastor Silas Malafaia, através da modalidade argumentativa polêmica, da tríade retórica e através de elementos de natureza linguística (repetição), objetivou desqualificar a Suprema Corte brasileira, com o intento de defender criminosos, a exemplo do então deputado federal Daniel Silveira e outros que praticaram crimes por meio do abuso da liberdade de expressão. Mesmo com resultados expressivos, a pesquisa realizada por Rocha, Roberta e Moura (2023) se detém em analisar apenas o orador Silas Malafaia. Já em nossa pesquisa, almejamos ir um pouco além, investigando o discurso desse orador, mas também de outros como, por exemplo, R. R. Soares e Edir Macedo. Acreditamos que o nosso trabalho se soma ao de Rocha, Roberta e Moura (2023), contribuindo com novos olhares sobre a influência do discurso religioso.

No que concerne aos aspectos metodológicos, seguindo os postulados teóricos descritos por Paiva (2019), destacamos que esse trabalho pertence à pesquisa de tipo básica, uma vez que tem por objetivo aumentar o conhecimento científico em nossa área disciplinar. Quanto ao gênero, é uma pesquisa teórica, haja vista que se propõe a estudar uma teoria específica e utilizá-la como ferramenta de análise. No que concerne às fontes de informação, afirmamos que se trata de uma pesquisa primária, tendo em vista que se baseia em dados coletados pelos próprios pesquisadores. Em relação à abordagem, é uma pesquisa qualitativa, já que almeja compreender e descrever fenômenos sociais a partir de diferentes formas de realização. Quanto ao objetivo, é uma pesquisa descritiva e explicativa, visto que descreve o fenômeno estudado e explica os fatores que contribuem para a ocorrência desse mesmo fenômeno (Paiva, 2019).

O nosso *corpus* é constituído por três aconselhamentos de natureza religiosa evangélica. Todo o material foi adquirido por meio da plataforma virtual do *YouTube*. Assim sendo, os

nossos dados de análise pertencem ao domínio público e qualquer pessoa pode ter acesso a eles na íntegra. De posse do material adquirido, realizamos as transcrições e, em seguida, selecionamos atos retóricos que apresentaram elementos de natureza polêmica, evidenciando *dicotomização de teses*, *polarização social* e *desqualificação do adversário*. Além disso, identificamos a construção da imagem de si (*ethos*⁴), o despertar de diferentes paixões (*pathos*⁵) e o encadeamento de uma determinada tipologia de argumentos (*logos*⁶). Foi por meio desses elementos que realizamos as nossas análises retórico-discursivas nos aconselhamentos.

Além das considerações iniciais, finais e referências, este trabalho está dividido em quatro seções. Na primeira, abordamos a teoria da argumentação no discurso que é a base do nosso instrumental teórico e metodológico para a análise dos aconselhamentos. Na segunda, focalizamos as modalidades argumentativas no discurso, caracterizando cada uma delas de acordo com suas especificidades. Na terceira, tecemos comentários sobre a modalidade argumentativa polêmica, destacando-a com maior ênfase, já que através dela ancoramos a nossa leitura sobre os conflitos engendrados nos três aconselhamentos. Finalmente, na quarta, apresentamos as nossas análises, compreendendo o funcionamento retórico-discursivo dos três aconselhamentos proferidos pelos pastores evangélicos destacados neste trabalho. Esperamos que essa trajetória possa, de alguma maneira, contribuir com um entendimento mais consistente sobre as estratégias argumentativas presentes em três exemplares do gênero discursivo aconselhamento, que é muito praticado por pastores evangélicos aqui no Brasil.

A teoria da argumentação no discurso

Este trabalho toma como instrumental teórico e metodológico a teoria da argumentação no discurso teorizada e sistematizada pela linguista Ruth Amossy, por meio da qual podemos compreender o uso da palavra oral ou escrita, manifestada em diferentes gêneros discursivos. Assim sendo, entendemos que essa teoria privilegia o discurso, verificando de que maneira sujeitos criam diferentes sentidos para significar os fenômenos do mundo. Nesse mesmo

⁴ “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si” (Amossy, 2019, p. 9).

⁵ “O termo *pathos* refere-se à inscrição da afetividade no discurso, ou seja, à utilização discursiva do elemento emocional com fins estratégicos de persuasão. Ao elaborar o projeto de fala, se a intenção é arrebatá-lo a convicção da plateia, o orador pode recorrer àquilo que seria capaz de tocar o público” (Moura, 2020, p. 66).

⁶ “O *logos* indica, assim, as provas discursivas, argumentativas e racionais provenientes de um raciocínio coerente. Estas provas artísticas dizem respeito ao modo como os indivíduos alegam ou objetam algum assunto prático” (Mateus, 2018, p. 108).

pensamento, todo discurso, de um modo ou de outro, almeja impactar um determinado auditório que pode estar presente face a face como na retórica antiga ou um auditório virtual, distante da argumentação do orador. Nesse sentido, Amossy (2020) nos revela que todo discurso pode modificar, orientar, interpelar e persuadir o auditório visado pelo orador.

As contribuições da teoria da argumentação no discurso são muitas, entretanto, neste trabalho, iremos nos deter, principalmente em questões concernentes às modalidades argumentativas no discurso, sobretudo, à modalidade polêmica, a tríade retórica encenada pelo *ethos*, *logos* e *pathos*, bem como às categorias da dimensão argumentativa e da visada argumentativa. Todas essas idiossincrasias serão as bases que servirão de guarida para as nossas análises que serão realizadas posteriormente. As construções da imagem de si (*ethos*), o encadeamento racional de diferentes tipologias argumentativas (*logos*), o conjunto de paixões ou emoções que orador tenta despertar no auditório (*pathos*), os conflitos e as controvérsias que são geradas e negociadas por meio do discurso (polêmica), as tentativas de persuasão (visadas), tudo isso são procedimentos retóricos e discursivos, cuja formulação necessita ser compreendida através de seu funcionamento argumentativo em diferentes gêneros.

Recentemente, os estudos realizados por Cavalcante *et al.* (2020) têm apresentado sólidas contribuições aos estudos que envolvem a argumentação e a linguística textual. Como sabemos, todo discurso se materializa por meio de textos orais e escritos, reverberando diferentes estratégias de textualidade, entre elas, o fenômeno da referenciação. Dessa maneira, constatamos que a teoria da argumentação no discurso tem propiciado diferentes diálogos com as mais diversas disciplinas. Isso ocorre porque toda a arquitetura da referida teoria já traz em seu alicerce fundador os pilares das retóricas antiga e nova. Com isso, a própria teoria da argumentação no discurso é um resgate das retóricas mencionadas. Neste trabalho, em alguns momentos, também faremos diálogos com a teoria retórica, compreendo-a como uma importante “faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (Aristóteles, 2011, p. 44).

É preciso lembrar que Ruth Amossy realizou um resgate da retórica contemporânea, trazendo uma nova roupagem acerca do fenômeno da argumentação. Desde os gregos antigos no período dos sofistas, considerados como mestres da sabedoria, primeiros pedagogos, exímios professores de retórica (Reboul, 2004), temos a ideia de que a argumentação diz respeito a um procedimento que visa conquistar a adesão do outro sobre uma determinada proposta apresentada ao assentimento. Desse modo, o orador tenta influenciar as escolhas do auditório, a fim de que este possa realizar alguma ação coordenada pelo discurso do orador.

Neste âmbito apenas retórico, a argumentação tinha o objetivo fulcral de persuadir custe o que custar. Os próprios pioneiros que lançaram uma nova retórica definiram a argumentação do seguinte modo: “com efeito, o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 4).

Os estudos em teoria da argumentação no discurso rompem em alguns pontos com as propostas desencadeadas nas teorias apenas retóricas. Na teoria de Ruth Amossy, a argumentação não serve apenas ou não tem como seu objetivo final persuadir a qualquer custo. Amossy (2020) estabelece um novo olhar para as questões argumentativas, uma vez que a nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) se deteve apenas na ideia de persuasão, mas a referida autora amplia as noções oriundas da nova retórica, remodelando-as a partir das contribuições da análise do discurso francesa contemporânea. A nosso ver, essas propostas de Amossy (2020) preenchem uma lacuna importante nos estudos argumentativos da linguagem, uma vez que faltava adicionar o componente discurso no seio de uma abordagem retórica de base argumentativa. A partir dessa nova proposta, percebemos, conforme a autora, uma profundidade teórica e metodológica em sua teoria da argumentação no discurso.

Ao organizar a análise argumentativa no discurso, Amossy (2020) apresenta os procedimentos, os objetos e as características das bases elementares dessa teoria. O primeiro aspecto a ser abordado pela autora diz respeito a uma *abordagem linguageira*. Isso se dá porque a argumentação não se reduz a um simples processo lógico ou mental, mas a partir de elementos que podem ser encontrados em categorias de língua, a exemplo de escolhas lexicais, das modalidades enunciativas, dos encadeamentos de diferentes tipos de enunciados, das marcas textuais que propiciam o entendimento de sentidos que estão explícitos ou implícitos. Uma segunda característica diz respeito a *uma abordagem comunicacional*. Nesta, a argumentação tem por objetivo atingir um determinado auditório, buscando negociar com ele diferentes aspectos linguísticos e discursivos. Dessa maneira, existe uma interlocução entre orador e auditório, em que ambos estão engajados em todo o processo linguageiro.

Outra perspectiva, apresentada por Amossy (2020), trata de *uma abordagem dialógica*, por meio da qual o orador pretende agir sobre um auditório e necessita se adaptar a ele através das crenças, dos valores, das opiniões compartilhadas no universo dóxico. É nesta abordagem que temos uma troca comunicativa de interação entre parceiros que participam de uma espécie de contrato comunicativo (Charaudeau, 2019). O dialogismo que aparece nessa abordagem pode desencadear consensos ou dissensos numa confrontação de diferentes pontos de vista entre

os sujeitos. A quarta perspectiva concerne a *uma abordagem genérica*, tendo em vista que a argumentação sempre está inscrita em um determinado gênero discursivo. Segundo Marcuschi (2008), todos nós, em quaisquer atividades de nossas vidas, recorremos a diferentes gêneros orais ou escritos, a fim de satisfazer as nossas necessidades comunicativas do dia a dia. Esse mesmo autor ainda destaca que os gêneros podem revelar exercício de poder entre sujeitos em dadas circunstâncias enunciativas. Assim, a argumentação à luz de Amossy (2020) também ancora-se numa abordagem que perscruta as nuances dos gêneros discursivos.

A teoria da argumentação no discurso também apresenta *uma abordagem figurial*, partindo da ideia de que a argumentação se utiliza dos efeitos de estilo e de persuasão que estão disponíveis por meio de diferentes figuras retóricas. É importante afirmar que não se trata de figuras como simples ornamentos, ao contrário, quando falamos de figuras numa abordagem retórica, argumentativa e discursiva, é necessário entender a visada persuasiva que elas podem desempenhar no funcionamento de um determinado gênero discursivo. Como preleciona Reboul (2004, p. 114), “se o argumento é o prego, a figura é o modo de pregá-lo”. Finalmente, temos *uma abordagem textual*, creditando ao texto um sentido de um todo coerente e coeso que manifesta significação. Aspectos linguísticos manifestados textualmente também devem ser considerados como procedimentos que influenciam a construção lógica da argumentação.

Todas essas seis abordagens descritas como princípios da análise argumentativa no discurso contribuem de maneira decisiva para a proposta que vimos apresentando. No entanto, em uma análise argumentativa, é possível acontecer de o analista priorizar todos ou apenas alguns desses elementos descritos. Por exemplo, se o interesse é analisar o gênero do discurso, o analista poderá se aprofundar um pouco mais numa abordagem genérica, observando de que maneira determinado gênero apresenta um quadro argumentativo. Em nosso estudo é justamente isso que iremos fazer em nossas análises, já que verificaremos as estratégias argumentativas presentes nos aconselhamentos de três pastores evangélicos do Brasil. O nosso interesse é compreender, por meio do discurso, manifestado em um gênero, as artimanhas persuasivas que esses oradores utilizaram para agir sobre o auditório, constituído por todos aqueles que, de alguma maneira, tiveram contato com os aconselhamentos em tela.

Na teoria da argumentação no discurso, Amossy (2020) estabelece duas distinções imprescindíveis em sua proposta teórica: *a dimensão argumentativa* e *a visada argumentativa*. Na primeira, temos diferentes discursos que apresentam apenas a simples transmissão de um ponto de vista sobre os fenômenos do mundo, não pretendendo modificar os pensamentos, as ideias, as opiniões ou quaisquer outras crenças do sujeito destinatário. Aqui, nessa dimensão da

argumentação, não temos a intenção predominantemente de levar o outro a aceitar uma determinada proposta. Desse modo, conforme a referida autora, aparecem alguns gêneros do discurso, como uma receita culinária, uma descrição jornalística, um artigo científico, ou seja, gêneros que apresentam apenas dimensões argumentativas, mas não intentam persuadir.

Na segunda, podemos perceber uma clara empreitada de persuasão que é sustentada por diferentes estratégias que são encenadas por um orador. É na visada que temos o mais alto nível de tentativa de convencer (no plano das ideias) e persuadir (no plano das emoções) o auditório que é o alvo de toda a argumentação. Alguns gêneros discursivos podem ser mencionados entre os que apresentam visadas persuasivas, a exemplo de editorial, sermão oral, pronunciamento político, aconselhamento religioso, entre tantos outros. São gêneros discursivos que, além de apresentarem dimensões argumentativas, também apresentam visadas argumentativas que estão exclusivamente à mercê do projeto de influência gerido pelo argumentador.

Considerando essas duas grandes categorias argumentativas (dimensão e visada), entendemos que o nosso material analítico está relacionado com a visada argumentativa, uma vez que esses oradores sacros tentam de todas as formas possíveis e, neste caso específico, por meio da linguagem, persuadir aqueles que têm contato com os seus discursos. Obviamente, os fiéis que estão semanalmente nas igrejas desses chefes religiosos já estão convencidos e persuadidos. Por isso, acreditamos que esses aconselhamentos servem, também, para manter e ampliar a adesão que já foi conquistada em outros momentos. Além disso, devido ao poder das redes sociais, tais aconselhamentos podem ser acessados por um auditório universal, razão por que não há como controlar as variáveis (idade, sexo, classe social, escolaridade).

Partindo de tudo que foi visto até agora, a autora pioneira da teoria da argumentação no discurso inova e nos apresenta uma nova definição para o conceito de argumentação.

Daqui em diante, toma-se como objeto a 'argumentação' com a seguinte definição: os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema (Amossy, 2020, p. 47.).

Como podemos perceber, essa nova definição incorpora aspectos de uma instância de locução, ou seja, os papéis sociais e os lugares em que se encontram os sujeitos linguageiros. Além disso, conforme postula a referida autora, a argumentação não pretende apenas persuadir, mas também modificar, orientar, isto é, diferentes ações são possíveis por meio do ato argumentativo. Em nosso material de estudo, veremos nas análises que os líderes religiosos

também visam orientar os pensamentos e as escolhas do auditório, mas também persuadi-lo, fazendo com que este possa agir de acordo com a finalidade do aconselhamento religioso.

As modalidades argumentativas no discurso

No instrumental da teoria da argumentação no discurso, encontramos as modalidades argumentativas propostas por Amossy (2008). Segundo essa autora, toda troca verbal está apoiada em um jogo de influências entre orador e auditório. É por meio do discurso que acontece essas influências, uma vez que todo ato de enunciação comporta aquele que fala, aquele a quem se fala e sobre o que se fala. Nesse sentido, a situação de comunicação apresenta diferentes tipos de argumentação formuladas através das modalidades argumentativas.

Cada discurso comporta sua própria situação de enunciação e realiza uma verbalização singular da tese ou do ponto de vista proposto ao auditório. Ele depende ainda de uma estrutura de troca global na qual se realiza a ação de persuasão. Trata-se aqui de tipos de troca argumentativa que atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico (Amossy, 2008, p. 32).

Esses tipos de troca argumentativa preconizados por Amossy (2008) são as modalidades argumentativas, as quais estão agrupadas em pelo menos seis tipos. Na verdade, a autora destaca que se trata de uma lista de possibilidades e não algo fechado ou acabado. As modalidades são as seguintes: demonstrativa, patética, pedagógica, coconstrução, negociada e polêmica. É importante, de forma concisa, tecer breves comentários sobre as cinco primeiras e aprofundar um pouco mais as discussões sobre a modalidade polêmica, haja vista que ela será a principal de nossa análise argumentativa em torno dos aconselhamentos em estudo.

Na *modalidade demonstrativa*, temos a presença de um discurso monologal ou dialogal, em que a argumentação encenada pelo orador tem como principal objetivo obter a adesão do auditório por meio de uma demonstração racional, apoiada em provas. Esse tipo de modalidade é muito comum, por exemplo, em um artigo científico, em uma reportagem, em um discurso parlamentar, entre outros gêneros que apresentam dados comprobatórios. Na *modalidade patética*, por meio de um discurso monologal ou dialogal, o orador formula a sua argumentação a partir de estratégias que visam despertar no seu auditório efeitos passionais, a fim de obter a adesão pretendida. É muito comum reconhecer essa modalidade argumentativa em gêneros discursivos como, por exemplo, acusação em tribunal de júri, sermão religioso na igreja, cerimônia fúnebre, apelo de ajuda humanitária, entre outros gêneros dessa vertente.

Na *modalidade pedagógica*, o orador ocupa uma instância de locução em posição superior ao seu auditório, ao passo que este ocupa uma função de aprendiz e aquele de professor. Por meio do diálogo ou do monólogo, o orador se dirige ao seu auditório com vistas a ensiná-lo. Alguns gêneros discursivos podem ser encontrados nesse leque, a exemplo do manual escolar, discurso em sala de aula, textos de literatura infantil, entre outros gêneros. Na *modalidade coconstrução*, temos as interações concretas e simétricas entre orador e auditório, por meio das quais esses participantes coconstroem as respostas para um determinado problema que é levantado em conjunto. Desse modo, não há uma sobreposição de papéis enunciativos, mas uma construção igualitária que privilegia o trabalho em conjunto. Alguns gêneros como a reunião profissional, a conversação familiar, o debate sobre uma questão que se quer resolver, são exemplos de gêneros que abarcam essa modalidade argumentativa.

Na *modalidade negociada*, percebemos que os parceiros comunicativos ocupam papéis divergentes e até mesmo conflituosos, mesmo assim eles se esforçam para que seja possível encontrar uma solução comum para o problema que pretendem resolver. Eles buscam chegar em um consenso através de um compromisso que é firmado discursivamente. É muito comum ver esse tipo de modalidade em gêneros discursivos, tais como: negociações comerciais, comissões parlamentares de inquérito, debates familiares, entre outros.

A modalidade argumentativa polêmica

Em nosso trabalho, é necessário estabelecer um diálogo com a modalidade argumentativa polêmica, tendo em vista que os aconselhamentos dos líderes religiosos evangélicos que vimos estudando estão predominantemente inseridos nessa modalidade do discurso argumentativo. De acordo com Amossy (2017), a modalidade polêmica fornece mecanismos que tornam os discursos atraentes, através do jogo linguageiro conflituoso. Sobre alguns caracteres da modalidade polêmica, a referida autora propõe uma ideia de *função*, uma vez que todo fenômeno linguístico preenche certas funções sociais; também surge a noção de *funcionamento*, pois é por meio de casos concretos que podemos acessar o modo como o discurso polêmico é construído; a polêmica também apresenta a noção de *espaço público*, haja vista que é aí que se desdobram as controvérsias; finalmente, temos a *esfera democrática*, visto que apenas em um sistema democrático é possível haver divergências de opinião.

Entendemos que esses quatro elementos apresentados acima mostram de que maneira o fenômeno da polêmica é instaurado discursivamente. Nesse sentido, com base em Amossy

(2017, p. 12), “a polêmica preenche funções sociais importantes, precisamente em razão do que é em geral criticado nela: uma gestação verbal do conflito realizada sob o modo da dissensão”. Durante nossa investigação, percebemos que os aconselhamentos dos chefes religiosos evangélicos instauram situações que geram polêmicas, sobretudo, o conflito entre os apoiadores da esquerda e os apoiadores da extrema direita no contexto político brasileiro. Essa polarização também adentrou na religiosidade cristã aqui no Brasil, fazendo despertar muitos conflitos dentro das igrejas evangélicas, mas também católicas. Não poucas vezes líderes religiosos demonizaram as intenções de pessoas que escolhessem votar em candidatos de esquerda. As próprias pesquisas⁷ eleitorais atestaram que o grande eleitorado evangélico votou, predominantemente, no principal candidato da extrema direita brasileira.

Nesse contexto, identificamos que a modalidade polêmica é a responsável por gerenciar os conflitos e as opiniões contraditórias que, geralmente, não conseguem chegar em um acordo. Por isso, mesmo que existam opiniões e interesses divergentes, podemos pensar na possibilidade de assegurar um modo de convivência, numa comunidade que está expressivamente dividida. Como preleciona Amossy (2017, p. 13), “a polêmica preenche, por esse motivo funções importantes que vão da possibilidade do confronto público no seio de tensões e conflitos insolúveis à formação de comunidades de protesto e de ação pública”. Por assim dizer, podemos falar de uma apologia, ou seja, a modalidade polêmica cumpre um papel sobremaneira importante no seio da sociedade, já que explora a promulgação de diferentes opiniões que possam surgir no espaço público, mesmo que elas sejam inconciliáveis.

Diferentemente do que preconizava os estudos retóricos aristotélicos, os quais preconizavam o acordo argumentativo para que orador e auditório pudessem chegar a uma resposta comum sobre determinados fenômenos sociais, a modalidade polêmica caminha por uma outra perspectiva, postulando que, em algumas situações específicas, não será possível estabelecer um acordo privilegiado em detrimento do dissenso. Por conseguinte, é preciso “fazer justiça ao lugar de uma retórica do dissenso, isto é, a uma gestação do conflito de opinião sob o modo de dissidência, e não de uma busca do acordo” (Amossy, 2017, p. 41).

Notamos que a polêmica não está associada, por exemplo, a uma violência verbal ou violência física, mas ela se desenvolve sobre a base de um assunto que tem grande influência social. Logo, nem todo conflito será possível ser resolvido através da argumentação, uma vez que existe um abismo entre as opiniões que entram em controvérsia. Mesmo assim, é importante

⁷ É possível verificar mais informações na seguinte notícia: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-tem-51-entre-evangelicos-e-lula-27-segundo-pesquisa-quaest/>. Acesso em: 10 jan.2023.

destacar que o campo da argumentação (polêmica) é o do diálogo e não o da violência verbal ou até mesmo física. “Argumentar é o meio civilizado, educado e potente de constituir um discurso que se insurja contra a força, a violência, o autoritarismo e se prove eficaz (persuasivo e convincente) numa situação de antagonismos declarados” (Ferreira, 2015, p. 14).

Para Amossy (2017), não é qualquer tipo de assunto que pode ser considerado uma polêmica. Para que seja, é necessário algo de interesse público, que repercute na sociedade, que possa aflorar os ânimos dos sujeitos e que possa influenciar as crenças e as opiniões. A polêmica precisa ser algo que preocupa o público, mesmo que seja um fenômeno que apareça e desapareça em um curto espaço de tempo. Como modalidade argumentativa no discurso, “a polêmica é, portanto, um debate de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura” (Amossy, 2017, p. 49). Com base nisso, a primeira marca da polêmica é uma oposição de discurso, ou seja, os possíveis antagonismos que as opiniões apresentam no interior de um confronto verbal.

Defendemos, nesta investigação, que a modalidade polêmica é a base que alicerça os possíveis sentidos engendrados nos aconselhamentos religiosos evangélicos em tela. A polêmica atravessa os gêneros do discurso, inserindo-se no domínio da argumentação, já que “argumentamos quando surge um desacordo sobre uma determinada questão e quando duas respostas opostas são dadas sobre um mesmo assunto, obrigando cada uma das partes a justificar os fundamentos de sua posição” (Amossy, 2017, p. 49). Sem dúvida, estamos no campo da retórica argumentativa, entretanto, apresentando uma retórica do dissenso e não apenas de uma retórica que declara restritamente o consenso, o acordo argumentativo.

Amossy (2017) postula três características que representam a mola propulsora de sua teorização sobre a modalidade polêmica, a saber: a *dicotomização*, a *polarização social*, e a *desqualificação do adversário*. É importante tecer comentários sobre cada uma dessas características. Na *dicotomização*, temos um choque de opiniões antagônicas, que representa o caráter constitutivo do discurso conflituoso. “A polêmica seria, então, a manifestação discursiva sob forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público. Enquanto interação verbal, ela surge como um modo particular de gestão do conflito” (Amossy, 2017, p. 53). Diante disso, só existe choque antagônico através de opiniões que se digladiam mutuamente como, por exemplo, os posicionamentos entre os partidos políticos de esquerda e dos de extrema direita. São opiniões intensamente divergentes e inconciliáveis.

Na *polarização social*, observamos que os sujeitos engajados no processo argumentativo ocupam papéis enunciativos. Amossy (2017) estabelece um plano de estrutura

actancial, constituído por um *proponente* que se dirige a um *oponente* em face de um *terceiro*. Como bem lembra a teórica francesa, não se trata de pessoas de carne e osso, mas de papéis enunciativos desempenhados no fio do discurso. O proponente cumpre a função de defender a posição proposta; o oponente é quem se opõe a essa posição; e o terceiro é o ouvinte-espectador da confrontação. “É por se fundar numa estrutura actancial, na qual os participantes mais diversos se juntam em dois grupos antagônicos, que a polarização é difícil de solucionar” (Amossy, 2017, p. 57). Notamos que a retórica da polarização estabelece campos inimigos, é um fenômeno social e pode revelar diferentes ideologias que fundamentam crenças.

Na *desqualificação do adversário*, temos uma estratégia retórica que é utilizada para desacreditar o ponto de vista do outro, ou seja, do oponente. Nas disputas polêmicas, há sempre um discurso desqualificador cuja função é apontar as fragilidades que sustentam as teses ao contrário. Nesse sentido, a polêmica atua de modo a fazer com que o discurso adverso seja enfraquecido por meio de argumentos de negação ou de refutação. Na desqualificação da tese, “geralmente, acompanha a desqualificação da pessoa ou do grupo que ela representa, ainda que a polêmica seja fértil em argumentos *ad hominem*. O adversário é considerado à parte a fim de que seja privado de toda possibilidade de exercer legitimamente, e eficazmente, sua influência” (Amossy, 2017, p. 59, grifos da autora). Entendemos que a desqualificação do outro também atinge a pessoa que possui uma identidade social, anulando a força de seus argumentos.

Em nosso material de estudo, identificaremos durante os nossos gestos analíticos que os oradores evangélicos buscam a todo instante desqualificar a tese adversária, ao mesmo tempo em que também desqualificam os seus opositores, atacando-os através dos mais diversos insultos. Por exemplo, veremos tentativas de diabolização ou de apresentação do adversário com traços considerados satânicos, referindo-se diretamente às ideologias propagadas por meio da religiosidade cristã. Líderes evangélicos buscam despertar algumas paixões violentas em seu auditório, fazendo com que este acredite no que está sendo apresentado ao seu assentimento. Isso ocorre porque “a emoção é um resultado da implicação do locutor no seu discurso. O engajamento emocional se faz acompanhar de uma tentativa de tocar o coração dos leitores/espectadores” (Amossy, 2017, p. 62). A seguir, nas análises, poderemos compreender de que maneira as três categorias da polêmica são instauradas nos aconselhamentos de renomados chefes religiosos evangélicos, promovendo diferentes efeitos de sentido.

Análise do aconselhamento do pastor Silas Malafaia⁸

Neste primeiro aconselhamento, o orador, de forma vociferada, ataca o então candidato da esquerda Luiz Inácio Lula da Silva, com o objetivo de mostrar ao seu auditório a necessidade de não votar em um político esquerdista. Podemos observar isso a seguir:

Povo abençoado do Brasil, eu vou dar uma resposta a um cachaceiro... que falou de pastores e padres... como ele não entende nada de fé cristã... nem de princípios bíblicos sobre uma autoridade espiritual... eu vou ensinar a ele e mostrar... que a cachaça tá destruindo os neurônios dele esse camarada não tem condições psicológicas e mentais... de ser presidente desse país... eu não discuto com ele sobre cachaça porque ele é um expert... eu não entendo nada de cachaça e o cara vim querer dar lição de moral em padres e pastores escuta o que ele fala e o meu comentário ((Vídeo de Lula falando sobre religião)) vai lavar essa tua boca de cachaça e para de falar asneira rapaz... quem te falou que pastores e padres são intermediários entre Deus e o homem... o mediador entre Deus e o homem é Jesus Cristo... 1 Timóteo 2.5... pastores e padres são função de autoridade espiritual na fé cristã... Hebreus 13.17... Efésios 4.11... porque qualquer instituição que não tem princípio de autoridade ela auto se destrói... você não sabe o que que você tá falando... agora deixa eu te falar uma coisa... se você entrasse no seu quarto e falasse com Deus... você não era dominado pela cachaça... porque quem tem comunhão com Deus fica livre de vícios malditos que destrói o homem... quem é você? você tá ensinando o povo cristão a desobedecer a palavra de Deus... que história é essa? E que conversa é essa que nós estamos falando mentira... ((Aparece na tela uma notícia sobre o discurso de Lula acerca da família)) ... é VOCÊ que falou que apoia o aborto... é VOCÊ que disse que a família tradicional é atrasada e a pauta de valores é atrasada... que conversa é essa? E você vem querer dar lição de moral... em padre e em pastor... é para o povo evangélico e o povo católico ver quem é esse cara... ele quer MENOSPREZAR a fé... MENOSPREZAR as autoridades que Deus constituiu... RIDICULARIZAR a igreja evangélica e católica... fica aqui minha indignação... que DEUS nos livre desse ca-ma-ra-da... que não tem condições mo-ra-ais que não tem condições mentais e emocionais para dirigir a nossa nação... Deus abençoe você... Deus abençoe o Brasil!

O ato retórico em tela mostra de maneira pormenorizada a instauração do discurso polêmico, manifestado nesse aconselhamento encenado pelo renomado pastor evangélico Silas Malafaia. Revestido de um *ethos* de homem de Deus, esse líder evangélico se envolve de maneira incisiva no discurso político, desmistificando a ideia de que a política não se mistura com a religião. Previamente, sabemos que o pastor Silas Malafaia é uma das principais lideranças evangélicas do Brasil, possui milhões de seguidores em suas redes sociais, faz campanha aberta para candidatos, lidera uma grande igreja evangélica, possui uma gravadora reconhecida no universo musical e possui programas em canais de TV aberta no Brasil. Por

⁸ O referido aconselhamento pode ser consultado na íntegra através do seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=Q_6AaNoJdt4&ab_channel=SilasMalafaiaOficial. Acesso em: 10 jan. 2023.

tudo isso, esse orador engendra um *ethos* prévio⁹ de alguém que é muito conhecido e até mesmo seguido por uma massa de religiosos evangélicos e não evangélicos que se identificam com os discursos desse pastor. Desse modo, Silas Malafaia se posiciona de forma transparente acerca de sua pretensão política. No entanto, ataca de forma belicosa os seus oponentes.

Logo no início do aconselhamento, o orador encadeia o seguinte ato argumentativo: “Povo abençoado do Brasil, eu vou dar uma resposta a um cachaceiro... que falou de pastores e padres... como ele não entende nada de fé cristã... nem de princípios bíblicos sobre uma autoridade espiritual... eu vou ensinar a ele e mostrar... que a cachaça tá destruindo os neurônios dele esse camarada não tem condições psicológicas e mentais... de ser presidente desse país...”. Nesse ato retórico, o orador começa a sua fala por meio do vocativo “Povo abençoado do Brasil”, ou seja, existe aqui uma delimitação e/ou convocação do auditório a que se destina o orador. Essa terminologia é muito utilizada no meio religioso e é justamente para esse público que a visada persuasiva é direcionada. As pesquisas eleitorais já atestavam desde o início do pleito eleitoral que o candidato da esquerda não conseguiria vencer o candidato da direita com votos de religiosos conservadores. Sabendo disso, o pastor Silas Malafaia, ocupando um lugar de prestígio enquanto pastor evangélico, atua de modo a endossar mais ainda o repúdio ao candidato Lula e a todos os conteúdos ideológicos defendidos por esse esquerdista.

Em seguida, o orador ataca o seu adversário, como pode ser visto no seguinte momento: “eu vou dar uma resposta a um cachaceiro... que falou de pastores e padres...”. Percebemos com essa enunciação que o orador recategoriza o presidente Lula como “cachaceiro”, isto é, alguém que é dominado completamente pelo álcool. Também podemos pensar aqui no uso do argumento da definição, uma vez que o referido pastor evangélico aplica uma definição descritiva ao ressignificar o candidato da esquerda como alguém que é dominado pelo vício da cachaça. Assim, verificamos, em mais alto nível, a desqualificação do adversário, que é um dos pilares da modalidade polêmica. No mesmo ato argumentativo, o orador se coloca como um porta-voz de pastores e padres, ocupando, dessa maneira, uma voz autorizada e legitimada para argumentar. Entendemos que o orador almeja englobar o catolicismo com o fito de mostrar para o auditório que os cristãos, de uma maneira geral, estavam todos unidos contra o candidato Lula. Porém, isso não aconteceu, já que vários sacerdotes, (inclusive o próprio papa Francisco) em nenhum momento, teceram comentários contra o presidente Lula, razão por que o discurso de Silas Malafaia apresenta fragilidade argumentativa nesse ponto específico.

⁹ “Portanto, chamar-se-á de *ethos* prévio ou imagem prévia – em oposição a *ethos* simplesmente (ou a *ethos* oratório, que é plenamente discursivo) – a imagem que o auditório pode fazer do locutor antes que ele tome a palavra” (Amossy, 2020, p. 91, grifos da autora).

O orador, de modo estratégico e habilidoso, prossegue criando uma imagem negativa do presidente Lula, diante de seu auditório social: “como ele não entende nada de fé cristã... nem de princípios bíblicos sobre uma autoridade espiritual... eu vou ensinar a ele e mostrar...”. Nesse momento, o pastor Silas Malafaia apresenta uma imagem de Lula como alguém que não conhece a religião cristã, motivo pelo qual também não deveria receber os votos de cristãos, segundo o pensamento do pastor. A partir disso, o orador formula um *ethos* de professor, ou seja, de alguém que vai ensinar a um aprendiz que ainda não conhece as coisas sagradas da fé cristã. Ao passo que o orador se autoproclama com muita sabedoria, também desfaz a imagem de seu oponente como alguém ignorante. Adiante, o orador ressalta “que a cachaça tá destruindo os neurônios dele esse camarada não tem condições psicológicas e mentais... de ser presidente desse país...”. O pastor Silas Malafaia assevera que Lula é dominado pela cachaça e que não possui condições psicológicas para governar o Brasil. Certamente, a grande maioria das pessoas que seguem o referido pastor acreditou nessas asserções proferidas e não votou em Lula.

Ao continuar sua argumentação, o orador insiste em atacar o seu adversário, referindo-se demasiadamente por meio de recategorizações que atribuem a Lula a classificação pejorativa de cachaceiro: “eu não discuto com ele sobre cachaça porque ele é um expert... eu não entendo nada de cachaça”. Por meio desse ato argumentativo, o orador, mais uma vez, atribui uma imagem negativa a Lula, ao passo que engendra um *ethos* de santidade, que não entende nada sobre vícios, a exemplo da bebida alcoólica. Assim sendo, enquanto Lula é construído discursivamente como um beberrão, indigno do voto popular, o pastor Silas Malafaia se apresenta como um homem íntegro, puro, santo, interpelando o seu auditório para que acredite no que está sendo enunciado por esse orador que argumenta estrategicamente.

Durante o aconselhamento, o pastor Silas Malafaia coloca um vídeo de Lula falando sobre religião, explicando que quando quer falar com Deus não precisa de padre e nem de pastor. Foi isso que despertou a cólera do pastor Silas Malafaia, já que esse chefe religioso defende a necessidade do sacerdote como liderança do fiel. Para refutar o ponto de vista de Lula, o orador preleciona da seguinte maneira: “vai lavar essa tua boca de cachaça e para de falar asneira rapaz... quem te falou que pastores e padres são intermediários entre Deus e o homem...”. Apresentada dessa maneira, a argumentação polêmica do pastor Silas Malafaia parece trilhar os caminhos da violência verbal, visto que se dirige ao seu auditório de maneira colérica e isso pode despertar em alguns seguidores a paixão do ódio e com ela consequências incontrolláveis. O ataque ao adversário pertence ao conflito polêmico, mas não pode

desembocar, por exemplo, na violência física. Esse tipo de discurso, em nosso entendimento, pode culminar com atos violentos contra um candidato (qualquer que seja) e seus seguidores.

Com o objetivo de comprovar sua argumentação, o orador Silas Malafaia recorre ao argumento de autoridade mais utilizado no universo religioso cristão: a Bíblia Sagrada. Por meio de textos bíblicos, o mencionado pastor argumenta: “o mediador entre Deus e o homem é Jesus Cristo... 1 Timóteo 2.5... pastores e padres são função de autoridade espiritual na fé cristã... Hebreus 13.17... Efésios 4.11... porque qualquer instituição que não tem princípio de autoridade ela auto se destrói... você não sabe o que que você tá falando...”. Observamos a presença do argumento de autoridade lançado por meio das menções aos livros bíblicos de Timóteo, de Hebreus e de Efésios, como prova extrínseca ao ato retórico em tela. Com essa formulação, o orador enfatiza o seu *ethos* de pastor, de homem conhecedor das escrituras bíblicas. Já Lula, por meio desse discurso, é considerado alguém que não sabe de nada, por isso não merece credibilidade, sobretudo, em relação ao voto do povo para presidente do Brasil.

Ao continuar criando uma imagem negativa do presidente Lula, o orador ressalta que Deus poderia curar o vício do candidato da esquerda se este falasse com Deus: “agora deixa eu te falar uma coisa... se você entrasse no seu quarto e falasse com Deus... você não era dominado pela cachaça...”. Com essa enunciação, reconhecemos que Silas Malafaia utiliza o argumento pragmático, uma vez que o fato de Lula não falar com Deus é o que vincula a sua permanência no vício da cachaça. Esse argumento mostra as consequências de um acontecimento, neste caso, não falar com Deus é algo ruim, que fragiliza e torna vulnerável qualquer pessoa. Novamente, o orador desperta um *ethos* de homem de Deus e aconselha Lula a mudar de vida para que não seja dominado pela cachaça. O orador explica que a questão do vício é algo religioso e só pode ser vencido através de Deus, como pode ser visto em: “porque quem tem comunhão com Deus fica livre de vícios malditos que destrói o homem...”. O auditório poderá ou não acreditar nesse tipo de discurso que provoca indignação naqueles que não são religiosos e que acreditam apenas em conhecimentos prováveis no campo da demonstração científica.

A seguir, o orador Silas Malafaia lança uma pergunta retórica a fim de acusar o presidente Lula: “quem é você? você tá ensinando o povo cristão a desobedecer a palavra de Deus... que história é essa? E que conversa é essa que nós estamos falando mentira...”. Esse modo de argumentação a partir do encadeamento de perguntas retóricas visa interpelar o auditório para que concorde com o que está sendo apresentado ao assentimento, ou seja, o presidente Lula diz que os evangélicos mentem e incentivam a desobediência do povo cristão. Essa argumentação em tela tenta promover a imagem negativa do presidente Lula diante da

opinião pública como um homem que abomina tudo que diz respeito à religião cristã. Dessa maneira, pessoas que têm contato com esse aconselhamento e acreditam nele podem sentir, entre outras paixões, indignação, cólera, desprezo, tristeza, e, principalmente, ódio.

Continuando o aconselhamento, o pastor Silas Malafaia ataca o seu adversário a partir de pautas sobremaneira polêmicas na sociedade brasileira, quando enuncia: “é VOCÊ que falou que apoia o aborto... é VOCÊ que disse que a família tradicional é atrasada e a pauta de valores é atrasada... que conversa é essa?”. Verificamos que o orador, mais uma vez, busca criar uma imagem negativa do presidente Lula como alguém que é abortista e que apoia as pautas da diversidade sexual. Isso, como sabemos, gera um grande conflito no universo religioso evangélico conservador, no sentido de que tais pautas não têm apoio bíblico para que sejam efetivadas pelo governo. Dessa forma, o orador mostra ao seu auditório que Lula é um candidato contrário às ideologias cristãs e, por isso, não pode receber o voto dos cristãos. Assim sendo, votar em Lula seria uma forma de traição por parte dos cristãos evangélicos ou católicos. A argumentação que está sendo postulada almeja recusar um candidato e apoiar o outro, neste caso, apoiar Jair Messias Bolsonaro, principal concorrente contra a esquerda brasileira.

O orador, nesse aconselhamento, não se dirige apenas para o seu público evangélico e a todo instante evoca padres e católicos. Isso faz com que essa argumentação não se restrinja apenas a um tipo de auditório, mas que englobe os cristãos de uma maneira geral. É o que vemos no seguinte momento argumentativo: “E você vem querer dar lição de moral... em padre e em pastor... é para o povo evangélico e o povo católico ver quem é esse cara... ele quer MENOSPREZAR a fé... MENOSPREZAR as autoridades que Deus constituiu...”. A enunciação do pastor Silas Malafaia demoniza o presidente Lula diante do auditório e um possível governo desse candidato seria uma tragédia para o universo religioso cristão. O *ethos* de profeta de Deus é formulado por Silas Malafaia, como alguém que é uma voz autorizada para guiar os cristãos no caminho escolhido pela divindade da religião cristã.

No último momento desse aconselhamento, o pastor Silas Malafaia afirma que o presidente Lula é alguém que ridiculariza as igrejas evangélica e católica, além de não possuir nenhuma condição para ser presidente do Brasil. O orador insiste em atacar o seu adversário acerca da polarização social vivida politicamente no Brasil. Por isso, esse líder religioso formula imagens negativas do candidato da esquerda para que o auditório não vote nele. O nome de Deus, como argumento de autoridade, é encadeado a todo momento como meio de prova argumentativa do referido aconselhamento. No ato retórico a seguir, vemos o seguinte: “RIDICULARIZAR a igreja evangélica e católica... fica aqui minha indignação... que DEUS

nos livre desse ca-ma-ra-da... que não tem condições mo-ra-rais que não tem condições mentais e emocionais para dirigir a nossa nação... Deus abençoe você... Deus abençoe o Brasil!”.

No campo passional, marcado textualmente, um elemento emocional é encadeado pelo orador, quando afirma sentir “indignação”. Talvez, seja essa uma das principais paixões que o pastor Silas Malafaia tenta despertar em seu auditório. Indignação porque as pesquisas eleitorais indicavam que Lula venceria as eleições presidenciais de 2022. E os evangélicos, bem como os católicos conservadores, se aliaram ao candidato Bolsonaro e tentaram de tudo para que os cristãos do Brasil não votassem no candidato da esquerda. Mesmo com tudo isso, assistimos a vitória de Lula no segundo turno das eleições. Há, no entanto, que se falar da votação expressiva que o candidato Bolsonaro obteve no universo religioso cristão brasileiro, provando que as idas as igrejas e as campanhas dos pastores foram decisivas para tal expressividade alcançada. Isso mostra a importância do atravessamento do discurso religioso no discurso político, estabelecendo aproximações e diminuindo as diferenças entre ambos os discursos.

Análise do aconselhamento do missionário R. R. Soares¹⁰

Neste segundo aconselhamento, o orador pede ao seu auditório para que vote em seu candidato no dia da eleição presidencial. Além de afirmar explicitamente o nome de Jair Bolsonaro para presidente, o líder religioso, implicitamente, ataca o candidato da esquerda, a partir de pautas discutidas no campo da diversidade de gênero e de sexualidade.

Ô meus amigos... aqui é o missionário R. R. Soares... nesse final de sábado... eu agora quero me dirigir a nação... aos brasileiros que me conhecem... que tem uma consideração por mim... a respeito das eleições amanhã... amanhã é festa da democracia da sociedade... a nação vai às urnas para escolher aquelas pessoas que vão governar o nosso país nos próximos quatro anos... senadores oito né... mas eu queria dizer para vocês como cidadão participante dessa festa cívica que não haja violência todo mundo respeite as outras pessoas para que nós possamos ter... é uma decisão unânime que é o maior é que vence e tal... eu quero agora dizer a vocês que o meu candidato é o presidente Bolsonaro... isso aí é claro... a continuação dessa paz que nós estamos vendo desse sucesso em todas as horas... em todas as áreas que a nação está tendo... sem detrimento a qualquer outra pessoa eu tô aqui só para falar daquilo que eu sinto... e também pelo respeito às crianças... não vamos chamar o menino de menina nem menina de menino isso aí que Deus já fez... uma laranjeira continua laranjeira e uma mangueira continua a mangueira... ou assim do jeito que Jesus Cristo criou desde o início.

¹⁰ O aconselhamento na íntegra pode ser consultado no seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=-QMwo6zwBn8&ab_channel=Mission%C3%A1rioRRSoares. Acesso em: 22 jan. 2023.

Inicialmente, o missionário R. R. Soares se dirige ao seu auditório a partir de um *ethos* que estabelece uma imagem de alguém que é amigo, pois ressalta: “Ô meus amigos... aqui é o missionário R. R. Soares...”. Nesse sentido, o orador busca, no início de seu aconselhamento, mostrar-se uma pessoa que demonstra amizade, mas que também pertence a uma classe de prestígio social, uma vez que é líder, fundador, administrador e pastor evangélico de uma das maiores igrejas neopentecostais do Brasil. Importa verificar que esse ato de linguagem proferido por esse orador pretende conquistar a adesão do auditório, no sentido de que preste atenção e se comporte de acordo com o que determina o propósito comunicativo do referido aconselhamento. O auditório, já persuadido e que faz parte da IIGD, certamente seguirá as ordenanças desse pastor. O terceiro, ou seja, aquele que não faz parte da igreja, mas que teve contato com esse aconselhamento, poderá ser persuadido a aceitar a proposta do orador.

Após o orador formular um *ethos* de amigo diante de seu auditório, ele lança o objetivo inicial de seu aconselhamento: “nesse final de sábado... eu agora quero me dirigir a nação... aos brasileiros que me conhecem... que tem uma consideração por mim... a respeito das eleições amanhã...”. O orador, se servindo de uma marcação lexical temporal (sábado) desenvolve sua argumentação justamente nas vésperas do primeiro turno das eleições presidenciais de outubro de 2022. Nessa mesma época, pesquisas eleitorais afirmavam que o candidato Luiz Inácio Lula da Silva era o principal favorito no primeiro turno, inclusive, que poderia vencer as eleições já na primeira etapa. Sabendo disso, o missionário R. R. Soares, assim como outros pastores evangélicos, tentou persuadir os seus fiéis para que votassem no candidato Jair Messias Bolsonaro. Para intensificar o poder argumentativo de seu discurso, o orador utiliza o argumento da divisão do todo (nação) em suas partes (brasileiros). Apresentada dessa maneira, a argumentação do referido religioso evangélico busca atingir não somente os membros da IIGD, mas também todos os brasileiros que iriam às urnas escolher o novo presidente.

Além de utilizar o argumento por divisão, o orador recorre, estrategicamente, ao que Amossy (2020) chamou de *ethos* prévio. Essa categoria se refere ao conjunto de imagens que um determinado orador apresenta antes mesmo de iniciar o seu ato argumentativo. Por essa razão, talvez o missionário R. R. Soares tentou formular diante de seu auditório os *ethé* de sério, profeta de Deus, de virtude, de competência, de religioso, imagens que conseguem outorgar credibilidade ao mencionado orador. No entanto, para que essas imagens de si possam ser despertadas, é necessário que o auditório esteja engajado no mesmo universo de crenças, opiniões, costumes, ideologias, isto é, aspectos que são decisivos durante uma relação comunicativa entre orador e auditório, constituindo, dessa maneira, uma espécie de acordo ou

contrato comunicativo entre ambas as partes. Como lembram Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), o orador e o auditório necessitam, antes de qualquer coisa, compartilhar do mesmo universo *dóxico*. Sem isso, provavelmente, todo projeto de influência pode desmoronar.

Ao continuar o seu aconselhamento, o orador lança mão de um argumento de definição, visto que define as eleições como se fossem uma festa da democracia. É o que podemos ver no seguinte ato argumentativo: “amanhã é festa da democracia da sociedade... a nação vai às urnas para escolher aquelas pessoas que vão governar o nosso país nos próximos quatro anos... senadores oito né...”. Além do argumento da definição, o orador evangélico recorre a uma figura retórica nomeada de metonímia, para afirmar: “a nação vai às urnas”. Com efeito, sabemos que, de forma compósita, a nação está representando todos os eleitores brasileiros que estavam aptos a votar nas eleições. Em seguida, o orador destaca que a escolha do candidato provocará um governo de quatro anos como presidente e oito como senador. Assim sendo, visualizamos o uso do argumento de quantidade, enfatizando a importância do voto, pois as escolhas representarão alguns anos de governo. Se os votos forem dados a políticos que não merecem, serão quatro ou oito anos de problemas que podem atingir a nação brasileira de modo avassalador.

Em mais uma parte do aconselhamento, o orador se coloca como um dos eleitores, mostrando para o seu auditório um *ethos* de cidadão comum, que também precisa se dirigir até o local de votação e exercer o seu papel enquanto eleitor. Logo, o auditório poderá ver que é um dos seus que está lhe aconselhando. O orador preleciona: “mas eu queria dizer para vocês como cidadão participante dessa festa cívica que não haja violência todo mundo respeite as outras pessoas para que nós possamos ter... é uma decisão unânime que é o maior é que vence e tal...”. Por meio desse discurso, também podemos pensar que o orador almeja despertar em seu auditório a paixão da calma, visto que pede ao seu público que não participe de nenhum ato de violência. Assim, de forma passional, a calma, enquanto emoção suscitada, pode vir a ser sentida pelos fiéis ou por outras pessoas que tiveram acesso ao aconselhamento. O orador, em seguida, salienta: “o maior é que vence”. A partir desse trecho, vislumbramos mais uma vez o uso do argumento de quantidade, já que “o maior” está se referindo ao candidato que obtiver o maior número de votos dos eleitores brasileiros. Dessa maneira, depreendemos que o orador, em seu discurso, denota um *ethos* de democrata, de alguém que respeita a soberania do voto democrático em um sistema eleitoral em que se ganha quem consegue mais votos.

Após o orador apresentar a sua opinião enquanto eleitor e chefe religioso, agora podemos ver claramente a interpelação para que o auditório saiba quem é o candidato do seu pastor. Ele argumenta: “eu quero agora dizer a vocês que o meu candidato é o presidente

Bolsonaro... isso aí é claro... a continuação dessa paz que nós estamos vendo desse sucesso em todas as horas... em todas as áreas que a nação está tendo...”. Constatamos que o missionário R. R. Soares apresenta Jair Bolsonaro como alguém que deve receber o voto do líder e dos liderados da IIGD. Com efeito, o orador suscita um *ethos* de homem conservador, já que declara explicitamente o voto em um candidato de extrema direita. Além disso, por meio do lugar da ordem, o orador elenca as possíveis conquistas dos quatro anos do governo bolsonarista, a saber: “a continuação dessa paz, sucesso em todas as horas, em todas as áreas”.

Do modo como argumenta esse orador, é possível que o auditório acredite que os quatro anos de governo exercido por Jair Bolsonaro foram, de fato, exitosos. No entanto, na realidade dos fatos, assistimos e lemos pela mídia¹¹ um governo que cometeu inúmeras atrocidades na saúde, na educação, na economia, no meio ambiente, entre outros ministérios. Portanto, o discurso apresentado pelo orador parece mesmo incompatível com a realidade vivida no Brasil nos últimos quatro anos. O auditório poderá ou não aceitar esse discurso como verdadeiro a partir da credibilidade do orador e das provas que são postas para demonstrar o que se está afirmando. Assim, o orador enaltece a imagem de Jair Bolsonaro e, implicitamente, desqualifica a imagem de seu principal adversário, o esquerdista Luiz Inácio Lula da Silva.

Ao final do seu aconselhamento, o missionário R. R. Soares se utiliza do argumento por refutação, a fim de enfatizar e preservar a sua face, quando argumenta que não é contra nenhum outro candidato, mas que prefere votar em Jair Bolsonaro. Podemos observar isso em: “sem detrimento a qualquer outra pessoa eu tô aqui só para falar daquilo que eu sinto... e também pelo respeito às crianças...”. O orador engendra um *ethos* de protetor, ou seja, de um homem que se preocupa com as crianças, para que elas tenham um futuro exitoso pela frente, mas também e, sobretudo, que elas não tenham nenhum tipo de educação sexual diferente da patriarcal. Para isso, é preciso votar no candidato da extrema direita porque, implicitamente, o orador apresenta uma imagem negativa do principal concorrente (Lula) como alguém que não respeita as crianças. Dessa maneira, também podemos pensar no uso do argumento de essência, pois as crianças representam aquilo que é raro, único, isto é, sinceridade, inocência, pureza.

A argumentação do missionário R. R. Soares apresenta uma dissociação de noções quando estabelece um cotejo entre os sexos masculino e feminino. O orador advoga: “não vamos chamar o menino de menina nem menina de menino isso aí que Deus já fez...”. Para argumentar dessa maneira, o orador recorre ao argumento de incompatibilidade, por meio do

¹¹ Acerca do modo de governo de Jair Bolsonaro, é possível encontrar mais informações disponíveis em: <https://paranaportal.uol.com.br/opiniao/saude-educacao-e-economia-as-desastrosas-herancas-que-bolsonaro-vai-nos-deixar>. Acesso em 12 de dez. 2022.

qual apresenta ao seu auditório a impossibilidade de querer modificar algo que já existe, que já foi dado por meio de um poder sobrenatural. Também constatamos a utilização do argumento de autoridade, baseado no nome de Deus. Assim, o orador recorre ao maior nome da religião cristã para comprovar a sua opinião. O *ethos* de profeta de Deus autoriza esse tipo de discurso diante do auditório visado pelo orador. Ainda podemos pensar na possibilidade de o orador tentar despertar no auditório a paixão da cólera, no sentido de um outro candidato querer discutir questões sobre educação sexual, algo já dado e encerrado por Deus, segundo o orador.

Esse tema é de extrema polarização social no Brasil, por isso o orador afirma que se Bolsonaro for eleito, ninguém conseguirá trabalhar essas questões para modificar a realidade posta divinamente. No entanto, se o candidato da esquerda fosse eleito, certamente as coisas seriam totalmente diferentes. Por meio do argumento da regra da justiça, o orador encadeia: “uma laranjeira continua laranjeira e uma mangueira continua a mangueira... ou assim do jeito que Jesus Cristo criou desde o início”. A partir dessa enunciação, identificamos que o orador endossa mais ainda a sua opinião acerca das questões que envolvem educação sexual. O *ethos* de homem religioso conservador é ratificado de maneira incisiva, assim como o argumento de autoridade, desta vez, recorrendo ao nome de Jesus Cristo para comprovar o que enuncia.

O aconselhamento em tela mostra de que maneira o orador enaltece o candidato da extrema direita, desqualifica o seu adversário, que é o candidato da esquerda, buscando conquistar a audiência do terceiro, da opinião pública. Portanto, existe uma dicotomização de teses entre os candidatos, reverberando um intenso choque antagônico de ideias que se encontra alicerçado por meio da modalidade argumentativa polêmica. Tentamos compreender o funcionamento de um aconselhamento religioso potencialmente influenciador da opinião pública de milhões de pessoas que seguem o missionário R. R. Soares em suas redes sociais e que frequentam semanalmente a igreja IIGD presidida por ele.

Análise do aconselhamento do bispo Edir Macedo¹²

Neste terceiro aconselhamento, o orador apresenta um discurso que busca satanizar as pessoas que fazem parte do movimento político de esquerda aqui no Brasil. Para tanto, recorre ao discurso de autoridade e formula uma argumentação polêmica. Vejamos a seguir:

¹² O aconselhamento na íntegra pode ser consultado no seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=B3iFazt1Oo4&ab_channel=BispoEdirMacedo. Acesso em: 13 jan. 2023.

Meus amigos... boa madrugada aí Deus abençoe a todos vocês... que o espírito santo... venha... esclarecer... dá a vocês o entendimento... a todos nós... entendimento para que a gente possa compreender a sua voz a sua palavra... a sua vontade e venhamos então colocá-la em prática... nós estamos recebendo inúmeros... pedidos... para que... nós venhamos nos posicionar diante dos fatos... concernentes... ao destino ao futuro do nosso Brasil... direita ou esquerda? muito bem... diante dos fatos... nós estamos vendo aí... é... pessoas da esquerda... se unindo com o inferno dando sangue o próprio sangue para para o diabo... para Lúcifer... eles estão se unindo... todos os filhos das trevas estão se unindo com força... para que... o candidato da esquerda venha prevalecer... por outro lado... o que que nós o povo de Deus aqueles que consideram de Deus... povo chamado pelo nome do Senhor Jesus Cristo que que nós vamos fazer? cruzarmos os braços e ficar esperando o resultado? não... veja só... eu busquei... no texto nos textos sagrados situação semelhante ao que nós estamos vivendo hoje...

O orador começa o seu aconselhamento se dirigindo ao seu auditório por meio de um discurso afetuoso, estabelecendo uma aproximação e diminuindo as diferenças, sobretudo, no tocante ao teor da mensagem que será veiculada. Ele argumenta da seguinte maneira: “Meus amigos... boa madrugada aí Deus abençoe a todos vocês... que o espírito santo... venha... esclarecer... dá a vocês o entendimento... a todos nós... entendimento para que a gente possa compreender a sua voz a sua palavra... a sua vontade e venhamos então colocá-la em prática...”. Com esse tipo de argumentação, o orador formula um *ethos* de amigo, uma vez que é desse modo que se dirige ao seu auditório, mas também um *ethos* de profeta, capaz de pedir a Deus bênçãos para os seus seguidores. Ele faz isso a partir do uso do argumento de autoridade, que é chancelado através dos nomes de Deus e do Espírito Santo. Assim, o bispo Edir Macedo mostra ao seu auditório que é um homem religioso, que mantém um contato sobrenatural no mundo místico da religião cristã. O orador se coloca no mesmo nível que o auditório, ou seja, é uma pessoa que busca ouvir e colocar em prática os ensinamentos extraídos da palavra de Deus. Entendemos que isso é uma estratégia discursiva utilizada por esse orador com o objetivo de conquistar a confiança do auditório que lhe acompanha virtualmente nas redes sociais.

Em seguida, o bispo Edir Macedo apresenta ao seu auditório a dicotomização, o choque antagônico de ideias que fundamenta a polarização social entre os movimentos de esquerda e de direita no Brasil, ao enunciar: “nós estamos recebendo inúmeros... pedidos... para que... nós venhamos nos posicionar diante dos fatos... concernentes... ao destino ao futuro do nosso Brasil... direita ou esquerda?”. Por meio do uso da primeira pessoa do plural, representado por um “nós” inclusivo, o orador cria a ideia de que essa expressão lexical está englobando-o, os seus seguidores e todos aqueles que se familiarizam com a IURD. Da forma como o bispo argumenta, verificamos que ele constrói um *ethos* de patriota, alguém que está preocupado em defender o seu país de algum mal que pode assolar a nação onde mora. Para isso, o renomado bispo neopentecostal, estrategicamente, lança uma pergunta retórica (direita ou esquerda?), cuja

resposta não pode ser dada pelo auditório. Esse uso é apenas para fazer com que o auditório seja interpelado pelo discurso do orador e se sinta engajado nesse ato argumentativo.

Mais adiante, o orador apresenta ao seu auditório a sua opinião sobre o candidato da esquerda, principal concorrente do candidato Jair Bolsonaro, este apoiado pelos principais líderes evangélicos do Brasil. De forma vociferada, o orador lança a seguinte enunciação: “muito bem... diante dos fatos... nós estamos vendo aí... é... pessoas da esquerda... se unindo com o inferno dando sangue o próprio sangue para para o diabo... para Lúcifer... eles estão se unindo... todos os filhos das trevas estão se unindo com força... para que... o candidato da esquerda venha prevalecer...”. Em primeiro lugar, o líder da IURD sataniza as pessoas da esquerda, considerando-as como pactuantes com o próprio diabo, considerado, na religião cristã, como o principal inimigo de Deus. Assim, implicitamente, podemos ver o uso do argumento da comparação, já que o orador advoga a ideia de que na esquerda brasileira têm pessoas fazendo pacto de sangue com o próprio diabo, tornando-se suas filiadas.

Segundo o orador, tudo isso tem um único objetivo: fazer com que o candidato da esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, seja eleito presidente do Brasil. Desse modo, compreendemos que existe aí o uso do argumento pragmático, visto que o ato de fazer pacto com o diabo gera uma consequência favorável à esquerda: conquistar as eleições presidenciais. A argumentação do bispo Edir Macedo recai sobre o conflito cósmico entre o bem e o mal, razão por que há aqui o argumento por dissociação das noções. Do lado do bem existem as pessoas da direita, o bispo Edir Macedo, a sua igreja e seus fiéis; do lado do mal existem as pessoas da esquerda que estão se unindo com Lúcifer e, sobretudo, Luiz Inácio Lula da Silva. Por isso, este candidato da esquerda precisa ser rejeitado pelos fiéis da IURD, bem como por todos aqueles que são religiosos conservadores. Um discurso como este tem o poder de despertar no auditório diferentes paixões, entre elas, a paixão do ódio, capaz de fazer com que o adversário sofra tipos de violência verbal, mas também física, já que se trata de um sentimento que provoca sensações de dor, de angústia e de vingança em desfavor de um adversário.

Na última parte desse aconselhamento, o bispo Edir Macedo apresenta ao seu auditório o que deveria ser feito para evitar a eleição do candidato Lula. Por meio de um *ethos* de guia-pastor, o bispo Edir Macedo recorre ao argumento de autoridade do discurso teológico para fundamentar sua proposta. Podemos verificar isso no seguinte trecho: “por outro lado... o que que nós o povo de Deus aqueles que consideram de Deus... povo chamado pelo nome do Senhor Jesus Cristo que que nós vamos fazer? cruzarmos os braços e ficar esperando o resultado? não... veja só... eu busquei... no texto nos textos sagrados situação semelhante ao que nós estamos

vivendo hoje...”. O orador declara que ele e seu auditório fazem parte do povo de Deus, um povo que é separado dos demais, reverberando, assim, um lugar de destaque, de prestígio social. Através de uma pergunta retórica (povo chamado pelo nome do Senhor Jesus Cristo que que nós vamos fazer?), o bispo Edir Macedo interpela o seu auditório para que possa tomar alguma atitude, no que concerne às eleições presidenciais no segundo turno. O orador responde a pergunta que elabora, afirmando que não se pode ficar parado em um momento em que a esquerda brasileira estava atuante, pois era preciso evitar um possível governo de esquerda.

Nesse sentido, novamente é lançado o argumento de autoridade, pois “é no texto sagrado” que o orador encontrou uma solução para combater os súditos do diabo. Assim sendo, vemos uma extrema polarização marcada nesse aconselhamento entre a esquerda (filhos do diabo) e a direita (filhos de Deus). Um discurso como esse, dotado de elementos inflamados e conflituosos pode despertar diferentes emoções no auditório que consome e toma por verdade absoluta esse tipo de aconselhamento. Trata-se de um discurso proferido pelo líder, fundador e administrador da maior igreja neopentecostal do Brasil. Com isso, a dicotomização de teses entre esquerda e direita, entre o diabo e Deus, a polarização social entre os partidos de esquerda e de direita, os ataques lançados contra os adversários, tudo isso culmina com um nível extremamente elevado de uma polêmica que encontra terreno fértil no âmbito do discurso religioso evangélico conservador e também na seara do discurso político de extrema direita.

Considerações finais

A partir do instrumental teórico e metodológico da teoria da argumentação no discurso, com destaque especial para a modalidade argumentativa polêmica, realizamos as nossas análises e conseguimos compreender que os pastores evangélicos brasileiros aqui estudados se utilizaram de diferentes estratégias argumentativas, calcadas na tríade *ethos*, *logos* e *pathos*, formulando diferentes efeitos de sentido através do gênero discursivo aconselhamento. Por meio do *ethos*, constatamos a construção de diferentes imagens de si. Dentre elas, as que mais se destacaram foram as de profeta, patriota, religioso, conservador, amigo, entre outras. No que se refere ao *logos*, percebemos o uso de diferentes tipos de argumentos. Destacamos alguns, por exemplo, de autoridade, definição, pragmático, comparação, quantidade, entre outros.

Com relação ao *pathos*, notamos tentativas de suscitar diferentes paixões no auditório. Algumas delas apareceram com maior frequência, a exemplo da confiança, da calma, do ódio, da amizade, da indignação, entre outras. Tudo isso foi decisivo na construção argumentativa

dos aconselhamentos que estudamos neste trabalho, haja vista que os estudos retóricos, argumentativos e discursivos da linguagem ratificam o entrelaçamento entre os três elementos mencionados. Assim, cada um deles exerce uma função específica, mas estão imbricados e até mesmo indissociáveis quando estamos diante de uma produção linguageira.

Nos três pronunciamentos que analisamos, depreendemos que a modalidade argumentativa polêmica é o gatilho que propicia o conflito existente no fio do discurso. Por exemplo, na dicotomização de teses, vimos que existem dois grandes extremos: uma perspectiva de esquerda e outra de direita. Ambas as perspectivas são inconciliáveis e não podem chegar a um acordo, ao contrário, elas estão firmadas no dissenso. Logo, os três chefes religiosos evangélicos inflamam ainda mais essa dicotomização, mostrando que não existe a possibilidade de harmonia, mas apenas de um choque antagônico entre ideias.

No campo da polarização social, observamos uma arena de conflitos que põe em relevo posições inconciliáveis entre um “nós” diante de um “eles”. Dessa maneira, os três oradores ocupam papéis enunciativos na função de proponentes. O oponente a ser atacado configura-se por meio da esquerda brasileira e de seu principal líder, Luiz Inácio Lula da Silva. Com isso, os proponentes almejam fazer com que o terceiro se junte a eles contra o candidato petista. Em suma, a polarização estabelece um fenômeno social concreto que gera uma inimizade entre os participantes de um determinado conflito engendrado por meio do discurso polêmico. Sobre a desqualificação do adversário, os oradores utilizaram diferentes recursos argumentativos para desacreditar o auditório acerca do candidato Lula como uma opção para presidir o Brasil. Durante todos os aconselhamentos analisados, compreendemos que o descrédito do adversário foi um dos principais meios retórico-discursivos utilizados para confundir o auditório e deslegitimar as possíveis imagens positivas do candidato da esquerda. Por isso, observamos as tentativas de anular a possibilidade de algum sujeito evangélico votar no candidato Lula.

Este trabalho apresenta uma contribuição aos estudos retóricos, argumentativos e discursivos da linguagem, pelo fato de analisar aconselhamentos de renomados líderes evangélicos do Brasil. No entanto, analisamos tão somente três exemplares do gênero discursivo aconselhamento, materializado na modalidade de língua oral. Em virtude disso, não podemos realizar nenhum tipo de generalização sobre esse gênero, mas apenas os procedimentos argumentativos que foram encontrados durante o nosso gesto de análise. Por meio da modalidade argumentativa polêmica, trilhamos o nosso olhar, percebendo as construções da imagem de si, a tipologia argumentativa utilizada e as paixões eleitas que certamente despertaram sensações de dor ou prazer. Isso ratifica a ideia de que o discurso

religioso influencia as opiniões e as crenças de diferentes sujeitos, permite o atravessamento de outros tipos de discurso, consegue arrebatrar mentes e corações, por meio de visadas argumentativas que são racionais e passionais. De nossa parte, apresentamos uma possível contribuição, mas sabendo que existe muito a ser estudado e pesquisado para melhor se entender como agem discursivamente oradores de diferentes vertentes evangélicas aqui no Brasil.

Por fim, após todo o percurso que vimos realizando, é importante registrar uma definição para o gênero discursivo aconselhamento religioso. *Trata-se de um gênero encontrado no domínio discursivo religioso, materializado na modalidade de língua oral, por meio do qual um orador apresenta ao seu auditório diferentes propósitos comunicativos com o objetivo de convencer, persuadir, modificar opiniões, orientar pensamentos, a fim de lançar visadas argumentativas que estabeleçam ou não questões formuladas no campo da polêmica.* É preciso investigar esse gênero, observando como ele se organiza em outros discursos. Convidamos estudiosos de nossa área disciplinar para que novas pesquisas possam ser realizadas e, desse modo, fazer avançar os conhecimentos em gêneros discursivos da esfera religiosa cristã à luz de uma teorização retórica, argumentativa, discursiva, textual, entre outras.

Referências

AMOSSY, Ruth. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, Gláucia; MACHADO, Ida; EMEDIATO, Wander. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Tradução de Rosalice Botelho Waquim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto, 2020.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *et alii*. **Linguística textual e argumentação**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise Retórica**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATEUS, Samuel. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2018.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do Jornal Meio Norte: um retrato do Piauí**. Teresina/PI: EDUFPI, 2020. Disponível em:

<http://editorapathos.com.br/analise-discursiva-de-editoriais-do-jornal-meio-norte-um-retrato-do-piaui/>. Acesso em: 05 de jun. 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola: 2019.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROCHA, Max Silva da. **A retórica no discurso religioso: oradores protestantes e o sermão oral**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2022.

ROCHA, Max Silva da; ROBERTA, Karen Estefanine; MOURA, João Benvindo de. A argumentação polêmica em pronunciamentos do pastor Silas Malafaia. **Verbum**, v. 12 n. 1, p. 124-148, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/2316-3267.2023v12i1p124-148>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/60472>. Acesso em: 20 maio. 2023.